

# Pixinguinha no Bar Gouvea

Amostra

Amostra

# Pixinguinha no Bar Gouvea

*Tradição sociomusical de tempos  
antigos na cidade do Rio de Janeiro*

Leonardo Santana da Silva



MINOTAURO

# Pixinguinha no bar Gouvea

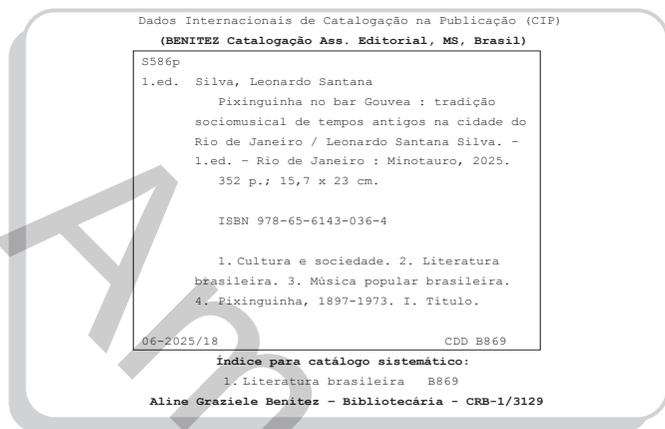
Copyright © 2025 Minotauro.

Minotauro é um selo da Editora Almedina do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria LTDA).

Copyright © 2025 by Leonardo Santana.

ISBN: 978-65-6143-036-4

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2025 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.



Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida.

A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra fora formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

**Marcas Registradas:** Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

**Material de apoio e erratas:** Se parte integrante da obra e/ou por real necessidade, no site da editora o leitor encontrará os materiais de apoio (download), errata e/ou quaisquer outros conteúdos aplicáveis à obra. Acesse o site [www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) e procure pelo título do livro desejado para ter acesso ao conteúdo.

**Suporte Técnico:** A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites, programas, materiais complementares ou similares referidos pelos autores nesta obra.

## Grupo Editorial Alta Books

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books

**Diretor Editorial:** Anderson Vieira

**Editor da Obra:** Marco Pace

**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús

**Gerência Comercial:** Claudio Lima

**Produtora Editorial:** Andreza Moraes

**Revisão:** Leonardo S. da Silva e Alessandra Costa

**Diagramação/capa:** Eduardo Faria/Ofício

**Projeto Editorial:** Deonísio da Silva/Daboit Textos e Palestras Ltda.

**Foto da contracapa:** Fábio Fernando da Silva, 2009.  
Painel em homenagem a Pixinguinha instalado na Travessa do Ouvidor. Centro Histórico do Rio de Janeiro.



Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) – [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
**Ouvidoria:** [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)

Editora  
afiliada à:



Para Ruy Castro, Heloisa Seixas, Mary Del Priore,  
Hermínio Bello de Carvalho e Sérgio Cabral (*in memoriam*).

Escritores que sempre me inspiram.

# Amostra

Salve a música brasileira e a cultura de um povo que é fortemente embevecida de um swing de múltiplas capacidades.

LEONARDO SANTANA DA SILVA

Amostrando

Se você tem 15 volumes para falar de toda a música popular brasileira, fique certo de que é pouco. Mas, se dispõe apenas do espaço de uma palavra, nem tudo está perdido; escreva depressa: Pixinguinha.

ARY VASCONCELOS  
*Crítico e Historiador*

Meu coração foi de bar em bar,  
Se perdeu nunca mais se achou  
Foi vivendo assim  
Sem ter ninguém para dizer um boa noite  
E essa penúltima nem tomou  
Nem deu conta quando um garçom  
Ó cobriu com uma noite de estrela para ele dormir.

E... pelos bares por onde andei  
Quantos copos eu já quebrei  
Ao brindar muita paz e a Deus rogar aos amigos saúde.  
Quando se foram sem um adeus  
Se grudando nos versos meus  
Como cacos de vidros espalhados  
No meu coração.

Sonhou que era um chorinho  
Tocado carinhoso  
Pedi então um chopinho  
Bem caprichado na pressão  
E veio geladinho  
Espuma no colarinho  
Ah seu garçom vai com jeitinho  
Pede outro chorinho sem sair do tom.

Meu coração vai vivendo assim  
Mendigando de bar em bar  
Uma esmola qualquer  
De uma palavra de um jeito carinhoso.

Velhos amigos quero rever  
Vendo à noite se transformar  
Numa rede que vai entre nuvens me adormecer

Em cada bar  
Que eu passei  
Eu lavrei a inscrição  
Trouxe aqui  
Este meu coração  
Para nele sua mágoa afogar

Bar doce lar  
Que aos boêmios a vida abrigou  
Lua cheia ou minguante ou num quarto de lua  
Há um lugar para essa dor.

Mais feito um bar o amor  
É fiel ao amor  
Ao seu molde ele quer procurar  
Outros braços pra neles dormir

Sabe que a vida tapete de estrelas já vai  
Estendendo pelo ar esse novo endereço  
É ali por aí.

Em cada bar fez um novo amor  
E os larguei quando Deus mandou  
Vou vivendo assim  
Porque o destino me fez um vadio.

Novo endereço ele vai traçar  
E virei para te avisar  
Quando à noite uma toalha de estrela  
Me ter para cobrir

### **Vou vivendo**

(Pixinguinha, Benedito Lacerda e Hermínio Bello de Carvalho)

Amostra

Amostra

Lucas, meu filho. Papai e mamãe te amam!

Amostra

## P R E F Á C I O

**Ricardo Cravo Albin**

CRÍTICO E PESQUISADOR DA  
MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

**ESTE LIVRO** de Leonardo Santana da Silva celebra dois personagens, dois integrantes da vida afetiva de quase todas as cidades do mundo, o homem e seu bar. Ou melhor, o ser humano que sempre carece de um refúgio diversificado de sua casa, do lar ou do seu escritório, do trabalho, do espaço profissional.

Tradicionalmente, o bar, ou o boteco, ou a esquina onde amigos jogam conversa fora serão o ponto de encontro, talvez mesmo o Ponto da Revelação. O Ponto do à vontade, dos pequenos prazeres, dos encontros com pessoas mais desejáveis que não apenas familiares ou parentes. Ou apenas negócios estritamente ligados a um escritório formal e burocrático.

No caso destes dois personagens, ousaria intitular de um quase casamento do criador (Pixinguinha) com a criatura (o Bar Gouvea). Pixinguinha é tido como a maior dentre todas as personalidades da música carioca pelo menos na primeira metade do século XX. Ele foi o definidor da música popular desde que despontou já na segunda década do século XX. Ninguém com a estrutura de gênio como executante de flauta, depois, muito depois, do saxofone. Ou como compositor (quase sempre de obras primas), autor dos clássicos Carinhoso, Urubu Malandro ou Ingênuo (minha preferida). Ou ainda como arranjador da essência da opulenta Era de Ouro do Disco e do Rádio, levando seus arranjos para o Carnaval a um nível de admiração geral até então inédita. Ou finalmente como pioneiro na exportabilidade da sedução e da malícia da música argamassada na mulatice carioca – a partir da temporada na boate parisiense Sherazade, que permaneceu meses a fio em Paris ao longo de 1922, em plenos “Anneés Folles”, os Anos Loucos. Quando Paris era epicentro do mundo, dos costumes, da literatura e, claro, também de música popular e erudita. O choro virtuoso do Les Batutas, conjunto regional criado pelo maestro, seria celebrado em meio a muitos elogios ao jazz, então considerado como a novidade mundial em música popular logo depois da Primeira Grande Guerra (1914-1918).

A criatura do nosso criador – o Gouvea – não era um bar qualquer. Era um salão refinado e, ao que me lembro de memória, algo solene até porque todos nós devotos da MPB nos acostumamos ao ir lá somente para conviver com um ente superior, o Pixinguinha. Ou seja, um bar não de vulgares batidinhas ou cervejas plebeias. Muito menos de pingüços anônimos. Mas uma Casa do Uísque, o nobre líquido escocês preferido pelas celebridades do mundo, e por minha geração de jovens adentrando os vinte anos, ambiciosa em busca das chamadas coisas e pessoas superiores.

Uma pessoa superior como Pixinguinha, a quem decidi amar e conviver, a partir das longas e candentes convocações de Vinícius, muitas vezes irrigadas em outro bar também estimado por nós, o Vilarinho (que está a merecer também livro de Leonardo), mas finalizadas na infalível uisqueria do nosso Maestro. Vinícius foi levado a essa mesma devoção ao mestre por Lucio Rangel, tio de Sergio Porto, o Estanislau Ponte Preta. O trio, Lucio, Sergio e Vinícius já eram amigos meus a partir do Conselho Superior de MPB, que criei e presidi no Museu da Imagem e do Som para gravar os depoimentos para a posteridade e escolher ao final do ano os ganhadores do Prêmio Estácio de Sá e Golfinho de Ouro (para os melhores de cada ano) em sete setores da vida cultural do país.

Não poucas vezes, o trio de amigos conduziria pessoalmente o Maestro a seu lar, leia-se à Dona Bety, quando ele esboçava já não se pôr de pé com firmeza, situação que a dedicada esposa não costumava perdoar ao marido. Aí, frente à aparentemente austera Albertina, o trio de amigos se acusava como indutora da carraspana, livrando o maestro de castigos abusivos como dormir isolado no sofá. Ou de broncas e resmungos pela noite toda. E castigo maior, até café requentado. Pixinguinha, polido e gentil como era, se despedia de cada um de nós à porta de casa com um obrigado ao ouvido, quase inaudível, de tão tímido.

Certa vez ouvi de Sergio Porto, irreverente que era, perguntar ao Maestro no Gouvea se ele ganhava mesmo tão bom dinheiro com música, a ponto de poder beber tantas garrafas de scotch por semana.

“Ora, Sérgio, você devia consultar mais seu tio Lúcio. Ele sabe melhor que você que o Gouvea jamais me deixaria a seco por falta de grana. Quando não posso pagar, a Casa sempre me oferece. Até porque boa parte da clientela vem aqui para frequentar a mesma uisqueria deste

seu amigo. O Gouvea não é um pé de chinelo qualquer. É uisqueria. Não uma cachaçaria. Uma casa de tradições papa-finas...”, jactava-se o maestro de sua criatura preferencial.

E Sérgio, aos risos “pois não Milord. Se Armstrong é rei, e Ellington é ‘duque’, você sempre será o Príncipe da MPB. Por que não também do uísque?”.

Agora mesmo lembrei-me de um raro presente que levei ao amigo no Gouvea. Trazido de viagem a Londres, onde comprei (pensando nele) um uísque caríssimo que a publicidade assegurava ser engarrafado para o jubileu de prata de Elizabeth II como rainha.

Ao entregar-lhe o precioso líquido, discretamente lhe disse entre os dentes “Esse é para você tomar sozinho. Apenas, tão somente, você Pixinguinha. Combinado?”. Resposta pronta: “Claro que sim”. E pediu ao garçom já amigo pessoal e quase secretário que ligasse para o Vilariño. “Quero falar com Vinícius, que já deve ter chegado por lá”.

Meia hora depois, vejo apreensivo desembarcar no Gouvea Vinicius com seus amigos fiéis Lucio, Sergio e também Fernando Sabino. Alguém pergunta bem alto, creio que Lucio, na mesa “Como é mesmo o nome do uísque da Rainha, esse de litro e meio que o Ricardo te deu?”. Na ponta da mesa gelei. Já presumindo o que de fato ocorreria a seguir.

Pixinguinha chama o garçom, olhando de rabo de olho para mim e baixinho lhe diz “Sirva minha garrafa escondida que você colocou há pouco no fundo da gaveta”.

Restou-me balbuciar ao garçom, quão desconsolado: “Hoje eu também vou beber”. Meia hora depois, a bojuda garrafa emoldurada com as armas em dourado de Elizabeth II – 25 years, estava literalmente vazia.

Eu quase chorava. Mas o maestro estava com olhos brilhantes de felicidade “Não é mesmo papafina o uísque da Rainha. Pena que acabou...”.

Quando solicitei a Leonardo que me enviasse seu currículo para me informar melhor de suas atividades, pedi cópia à minha secretária, que se apressou em me sugerir que lesse as dezenas de páginas no celular, porque a tinta da impressora estava por acabar.

Fiquei de fato muito impressionado com a riqueza do currículo de Leonardo Santana da Silva. São dezenas e dezenas de cursos, de ações, de palestras, de artigos. Atividade todas elas enumeradas – o que me impressionou – com minúcia e precisão. Leonardo detém doutorado,